

# A reversão de gênero gramatical em comunidades de prática gay de Belo Horizonte

IAN JARDIM DA SILVA  
UFMG, Belo Horizonte, Brasil

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo observar a fala de indivíduos gays de um grupo de dança e um grupo de teatro da cidade de Belo Horizonte – MG, e analisar sua variação no gênero gramatical. Tais pessoas formam grupos entendidos como comunidades de prática, um conceito teórico que adotamos da sociolinguística. Além disso, vamos assumir a perspectiva teórica da Linguística *Queer*, uma abordagem interdisciplinar que visa analisar as interseções entre linguagem, identidade e gênero. Segundo Mäder e Moura (2022), a reversão do gênero gramatical é sempre carregada de valores. Nesse sentido, Aikhenvald (2000), Corbett (1991), Tobin (2001) sugerem três funções que visam criar determinada representação social da pessoa designada para a alteração do gênero gramatical, podendo ser tanto do próprio falante quanto do seu interlocutor: 1. Função depreciativa, tanto no caso de termos femininos aplicados a homens como no caso de termos masculinos aplicados a mulheres; 2. Função aproximativa, visando criar camaradagem e intimidade entre os interlocutores; 3. Função apreciativa, visando realçar o *status* social da pessoa designada. A metodologia para o presente trabalho constará das seguintes etapas: contato inicial com os participantes da pesquisa; coleta de dados por meio de entrevistas com gravações de áudio; transcrição das entrevistas; seleção e classificação dos dados de gênero gramatical; seleção de outros fenômenos linguísticos relacionados a questões identitárias; análise qualitativa. Segundo as três funções, podemos sugerir que a adoção de determinados padrões linguísticos possa estar associada à busca por uma entre duas dessas três funções.

**Palavras-chave:** reversão; gênero; gramatical; gay; Belo Horizonte.

## ABSTRACT

This study aims to observe the speech of gay individuals from a dance group and a theater group in the city of Belo Horizonte, MG, and analyze its variation in grammatical gender. These individuals form groups understood as communities of practice, a theoretical concept adopted from sociolinguistics. Additionally, we will adopt the theoretical perspective of Queer Linguistics, an interdisciplinary approach that seeks to analyze the intersections between language, identity, and gender. According to Mäder and Moura (2022), the reversal of grammatical gender is always laden with values. In this sense, Aikhenvald (2000), Corbett (1991), and Tobin (2001) suggest three functions aimed at creating a certain social representation of the person designated for the grammatical gender alteration, which can be from either the speaker or their interlocutor: 1. Depreciative function, both in the case of feminine terms applied to men and masculine terms applied to women; 2. Approximative function, aiming to create camaraderie and intimacy between interlocutors; 3. Appreciative function, aiming to enhance the social status of the designated person. The methodology for this study will consist of the following steps: initial contact with research participants; data collection through audio-recorded interviews; transcription of interviews; selection and classification of grammatical gender data; selection of other linguistic phenomena related to identity issues; qualitative analysis. According to the three functions, we can suggest that the adoption of certain linguistic patterns may be associated with the pursuit of one of these three functions.

**Keywords:** reversal; gender; grammatical; gay; Belo Horizonte.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo observar a fala de indivíduos gays de um grupo de dança e um grupo de teatro da cidade de Belo Horizonte – MG, investigando como esses falantes fazem uso do sistema de gênero gramatical do português brasileiro, se há variação/inação, ou não, nesses usos. Tais pessoas formam grupos entendidos como comunidades de prática, um conceito teórico que adotamos da sociolinguística. Além disso, vamos assumir a perspectiva teórica da Linguística *Queer*, uma abordagem interdisciplinar que visa analisar as interseções entre linguagem, identidade e gênero. Borba (2020, p. 391) faz uma provocação acerca da relação entre a linguística tradicional e os estudos *Queer*:

À primeira vista, o sintagma “Linguística *Queer*” pode parecer um paradoxo. Afinal, como a Linguística, disciplina tida como a “mãe” do estruturalismo, se relaciona com a prole mais rebelde do pós-estruturalismo? Aqui, defendo que a LQ (Linguística *Queer*) se constitui como um oxímoro: ao sobrepor campos de significação aparentemente excludentes, cada um dos termos do par retroalimenta o outro e oferece um poderoso aparato analítico para a investigação de processos situados de construção de relações intersubjetivas perante uma plêiade de normatividades (de língua, gênero, sexualidade etc.).

A fala das diversas comunidades homossexuais varia consideravelmente a depender dos contextos em que é empregada: como em qualquer outra comunidade, cada contexto social engatilha um comportamento linguístico distinto (cf. LABOV, 2001). A fala de uma parcela de falantes do Português (identificados como LGBTQIAP+) era, *a priori*, excluída dos estudos tradicionais na linguística, abrangendo comunidades de fala. Tais comunidades, a nosso ver, refletem um aspecto da realidade linguística no Brasil, da sua diversidade. Em determinados contextos dentro das comunidades LGBTQIAP+, mais especificamente a comunidade gay, é observada uma prática linguística na qual alguns falantes invertem o uso da forma gramatical, utilizando a marcação de gênero feminino ao se referirem a nomes masculinos. Este fenômeno é exemplificado na frase:

1. Se eu e *minha amiga Tiaga* formos ligar pro que falam da gente, a gente vai ficar louca

O segundo constituinte da coordenação dentro do sintagma nominal sujeito *eu e minha amiga Tiaga* tem seu gênero gramatical modificado para o feminino. É interessante notar que isso afeta todas as palavras do constituinte: o pronome possessivo, o adjetivo e o nome próprio. Em exemplos como esse, os falantes rompem com os padrões socioculturais que tem uma expressão linguística. Em outros casos, os padrões linguísticos chegam a ser questionados no sentido de aparentemente não haver concordância entre o núcleo do sintagma nominal e o determinante.

Entre as perspectivas de estudo sobre a fala gay, vamos observá-las de um ponto de vista sociolinguístico – o que veio a ser denominado como “a terceira onda dos estudos sociolinguísticos”, que estudam as comunidades de prática. Comunidades de prática, como definidas por Wenger (1998) e Eckert (2000), e com mais precisão por Bucholtz (1999), são identidades individuais e coletivas que servem de base para a produção de significados sociais específicos para aquela comunidade. Alguns estudiosos, como Moita Lopes (2010), defendem que a participação em práticas sociais é significativa na contestação e negociação de significados no mundo.

A Teoria *Queer* surgiu primeiramente no lançamento do livro *Gender trouble: feminism and the subversion of identity* (BUTLER, 1990). A autora problematiza a questão do gênero, partindo do pressuposto de que a divisão binária entre feminino e masculino não é um dado natural. Segundo o dicionário MICHAELIS (2019), *queer* pode ser traduzido para o português como: esquisito; ridículo; adoentado. O termo *queer* também é usado em língua inglesa para definir homossexuais, de forma pejorativa.

Um dos tópicos que têm chamado especial atenção na linguística que descreve os falares LGBTQIAP+ é a reversão de gênero gramatical, que se refere ao fenômeno linguístico em que ocorre uma inversão ou troca nas convenções de concordância de gênero na língua. Essa prática desafia as normas tradicionais associadas ao uso gramatical de formas específicas para denotar masculino ou feminino. Segundo Mäder e Moura (2022), a reversão de gênero gramatical envolve a inversão da atribuição de gênero linguístico em certas classes de palavras, como artigos definidos, pronomes pessoais, ou por meio de marcas afixais no nome. Por exemplo, quando marcas usualmente associadas a homens são aplicadas a mulheres, ou vice-versa. Esse fenômeno linguístico é compreendido como um padrão que ocorre quando é realizada a inversão da referência tradicional de gênero em itens linguísticos. Para compreender esse fenômeno, é preciso ter conhecimento detalhado dos mecanismos de marcação de gênero gramatical.

O desenvolvimento desta pesquisa contribuirá não apenas para os avanços teórico-metodológicos previstos na revisão do tema feita nesta seção, mas fornecerá também subsídios e evidências para um debate mais aprofundado sobre a constituição das comunidades de prática a partir de um viés participativo do documentador. Assim, esperamos ampliar a discussão sobre a relação entre língua e identidades, o que possibilita um melhor entendimento da relação entre língua e sociedade.

A investigação da variabilidade lexical tem sido uma temática explorada por diversos estudiosos. No entanto, ainda há poucos estudos no que tange à abordagem mais específica de comunidades de prática gay de uma determinada localidade que relacionem gênero e linguagem. Apesar dos avanços observados em estudos sociolinguísticos, é pertinente destacar que, até o presente momento, a investigação aprofundada e sistemática dessa especificidade ainda se encontra insuficientemente abordada na literatura acadêmica. Visamos contribuir para o enriquecimento do conhecimento acadêmico sobre a relação entre variação linguística e identidade, oferecendo, assim, *insights* relevantes para compreender as dinâmicas de linguagem dentro das comunidades de prática LGBT+ de Belo Horizonte.

Nas últimas décadas, os estudos concernentes às comunidades de prática têm sido objeto de análise nas diversas comunidades linguísticas do território brasileiro. No entanto, as pesquisas ainda carecem da observação de um aspecto só recentemente sistematizado sobre manifestações identitárias dos usuários do português, refletidas nesse idioma.

Essa pesquisa busca explorar características da linguagem concernentes à identidade em torno da orientação sexual, culminando na análise de ocorrência e padrões de inversão de gênero gramatical em comunidades de prática gay localizadas em Belo Horizonte. A pesquisa pretende analisar como essa inversão gramatical ocorre, quais são os contextos comunicativos em que é empregada e de que forma ela se relaciona com a construção de identidades de gênero dentro dessas comunidades.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA: GÊNERO E REVERSÃO DE GÊNERO GRAMATICAL

Mäder e Moura (2022), em sua pesquisa sobre a reversão de gênero gramatical no português brasileiro e suas implicações na construção da identidade das comunidades, definem a reversão do gênero gramatical como um padrão linguístico que ocorre quando itens pronominais ou marcações de gênero gramatical têm sua referência invertida. Isso pode ser observado, por exemplo, quando pronomes e marcações de gênero normalmente usados para se referir a homens são aplicados a mulheres, e/ou quando pronomes ou marcações de gênero normalmente usados para se referir a mulheres são aplicados a homens. Portanto esclarecem:

Algo importante a ser lembrado é que a relação entre gênero gramatical e gênero biológico não é imotivada. As diferenças de gênero gramatical refletem a segmentação entre os gêneros biológicos e gramaticalização das marcações de gênero (MÄDER; MOURA, 2022, p. 38-39).

A partir deste estudo, podemos almejar algumas hipóteses acerca da construção identitária nas comunidades de prática estudadas. Segundo Mäder e Moura (2022) a reversão do gênero gramatical é sempre carregada de valores. Nesse sentido, Aikhenvald (2000), Corbett (1991) e Tobin (2001) sugerem três funções que visam criar determinada representação social da pessoa designada para a alteração do gênero gramatical, podendo ser tanto do próprio falante quanto do seu interlocutor:

1. Função depreciativa (tanto no caso de termos femininos aplicados a homens como no caso de termos masculinos aplicados a mulheres);
2. Função aproximativa, visando criar camaradagem e intimidade entre os interlocutores (tanto no caso de termos femininos aplicados entre homens quanto no caso de termos masculinos aplicados a mulheres);
3. Função apreciativa, visando realçar o *status* social da pessoa designada (essa função se dá somente em casos de termos masculino aplicados a mulheres)

Segundo as três funções, podemos sugerir que a adoção de determinados padrões linguísticos possa estar associada à busca por uma entre duas dessas três funções. A função depreciativa e/ou função aproximativa. Além disso, investigaremos outras possíveis intenções no uso dos padrões linguísticos reproduzidos pelos falantes da comunidade de prática estudada. Vale deixar claro que a reversão pode ocorrer entre quaisquer falantes.

O gênero gramatical é uma característica intrínseca aos substantivos na língua portuguesa, marcando a distinção entre o masculino e o feminino, sendo determinado morfossintática ou sintaticamente por meio de flexão ou concordância. A flexão de gênero gramatical geralmente ocorre ao final das palavras, com a vogal *a* representando a desinência do gênero feminino e a vogal *o* identificando o gênero masculino, como exemplificado em termos como "menina" e "menino" (CÂMARA JR., 2003 [1970], p. 131). Porém, é preciso ressaltar que existe uma quantidade pequena de substantivos que fogem a essa regra, onde substantivos terminados em -o são femininos como "foto", "moto", "tribo", bem como substantivos terminados em -a que são gramaticalmente masculinos como "sofá", "estigma", "programa".

Corbett contraria o argumento de que a categoria gênero é totalmente idiossincrática, sustentando a ideia de que falantes nativos possuem a habilidade de atribuir gênero aos substantivos de sua língua. Como é o exemplo de quando falantes atribuem gênero a uma palavra nova ou estrangeira. Logo, Corbett (1991, p. 7) afirma:

Primeiro, falantes nativos não cometem ou cometem poucos erros no emprego de gênero; se o gênero dos nomes fosse lembrado individualmente, esperaríamos muitos erros. Segundo, palavras emprestadas de outras línguas assumem um determinado gênero, o que mostra que existe um mecanismo de atribuição e não apenas de memorização de gênero. E terceiro, quando apresentados a palavras inventadas, os falantes lhes atribuem um gênero, fazem isso com elevado grau de consistência.

Nessa mesma linha, Schwindt (2020), em um estudo sobre a marcação de gênero em substantivos do português, observa que, do ponto de vista da disponibilidade linguística, existe um padrão de marcação que as crianças adquirem em uma fase bastante precoce ao serem expostas à língua portuguesa. Esse padrão atribui a vogal “-a” para indicar o gênero feminino, em contraste com a ausência de marcação ou o uso de uma marca “-o” como sugerido por Câmara Jr. (2003 [1970]) para o gênero masculino. Em relação às palavras terminadas com a vogal “-e”, Schwindt (2020) admite que a principal evidência desse sistema pode ser encontrada em palavras como *presidente*. Nessas palavras é possível flexionar o gênero sem qualquer marcação para o masculino ou feminino (por exemplo, *o presidente* ou *a presidente*), ou usar uma marcação específica para o feminino, como “*presidenta*”. No entanto, nunca encontramos uma marcação suposta de masculino, como \**presidento*”.

Bechara (2009 [1999]), sobre a relação que se estabelece entre o gênero dos substantivos e a concordância do artigo no contexto da língua portuguesa, descreve a maneira pela qual os artigos definidos *o* e *a* desempenham o papel de estabelecer concordância com substantivos de gênero masculino e feminino, respectivamente. Nesse sentido, ele pontua que há instâncias nas quais o artigo definido *o*, originalmente associado ao gênero masculino, pode vir a concordar com substantivos de gênero feminino terminados em vogal *e*. Ademais, aprofunda sua análise ao contemplar a dinâmica da concordância de gênero presente nos artigos indefinidos “*um*” e “*uma*”, desse modo, as nuances que cercam a concordância de gênero na língua portuguesa.

Pesquisas como a realizada por Panagiotidis (2019) mostram que esse fenômeno não é algo exclusivo da língua portuguesa falada no Brasil. O referido autor observa a presença desse tipo de inversão de concordância nominal de gênero na língua grega contemporânea, em contexto de carinho ou pejorativo, como no exemplo exposto abaixo:

- (3) *I Antonis irthe*  
 DET.F Antônio chegou  
 ‘A Antonis chegou’

### 3. METODOLOGIA

A metodologia para o presente trabalho consta das seguintes etapas:

- ▶ contato inicial com os participantes da pesquisa (serão pelo menos cinco participantes de cada grupo);
- ▶ coleta de dados por meio de entrevistas, com gravações de áudio;
- ▶ transcrição das entrevistas;
- ▶ seleção e classificação dos dados de gênero gramatical;
- ▶ seleção de outros fenômenos linguísticos relacionados a questões identitárias;
- ▶ análise qualitativa, relacionando os dados às teorias adotadas.

Damos abaixo informações sobre os grupos a serem estudados (sem quebrar o seu anonimato):

– Grupo de dança que participa da mesma companhia há cerca de cinco anos, além disso, são amigos e costumam frequentar os mesmos espaços de socialização.

– Grupo de teatro, é uma companhia de teatro existente há dez anos, possui cerca de dez integrantes, se reúnem frequentemente não só para apresentações artísticas de peças teatrais, mas também em eventos informais como a “gaymada”.

O material obtido com a pesquisa (os arquivos de áudio) ficará armazenado no computador pessoal do pesquisador e em pasta virtual do Google Drive, protegido por senha. Ele será utilizado unicamente para essa pesquisa e será destruído 5 (cinco) anos após o término do estudo, a menos que haja autorização expressa pelo TCLE para que componha uma base de dados sobre comunidades de prática gay.

Critérios de classificação:

1. Tipo de elemento gramatical marcado: nome próprio, pronome, adjetivo;
2. Função gramatical do elemento: sujeito, objeto direto, objeto indireto;
3. Referente em relação ao grupo: intragrupo ou extragrupo;
4. Referente em relação à identidade sexual: todos os informantes serão LGBTQIA+, mais especificamente homens gays;
5. Motivação da reversão de gênero (classes de Mäder e Moura);

Seleção e classificação de dados complementares:

- ▶ Seleção de quaisquer outros dados já apontados na literatura, nos seguintes planos:
  - lexical (uso de jargão gay – pajubá – ou de gírias gays);
  - fonológico (troca de segmentos sonoros, aspectos prosódicos);

- morfológico/sintático (uso de diminutivos, aumentativos, frases)
- indexical (uso da língua e estrutura social, palavra e social)

A análise dos dados se concentra nas ocorrências de inversão gramatical de gênero. Apesar da possibilidade de quantificação dos critérios listados acima, esta será feita como ilustração de análises qualitativas, com ênfase na identificação de padrões no falar de pessoas gays masculinas a partir da exploração dos fatores linguísticos e socioculturais que contribuem para essa diversidade linguística.

#### 4. CONCLUSÃO PRELIMINAR

A partir da leitura dos textos, consideramos que, segundo a teoria de Mäder e Moura (2022), a função aproximativa, visando criar camaradagem e intimidade entre os interlocutores (tanto no caso de termos femininos aplicados entre homens quanto no caso de termos masculinos aplicados a mulheres), poderia estar sendo mais frequente no uso da reversão de gênero gramatical nas comunidades de prática gay. No entanto, é necessário realizar análises mais aprofundadas e amplas para uma compreensão completa dos padrões e significados associados à reversão de gênero gramatical nessas comunidades.

Embora a gramática tradicional e a linguística atual reconheçam a existência dessa variação, a análise dos dados sugere que essa prática linguística vai além de uma simples variação gramatical, representando uma forma de expressão da identidade e experiência dos falantes. Através da reversão de gênero gramatical, esses falantes demonstram sua capacidade de remodelar a linguagem de acordo com suas próprias vivências, desafiando normas, quando não compartilham artigo e nome do mesmo gênero gramatical, emergem como uma forma de representatividade desse grupo dentro da língua portuguesa. Logo, a utilização dessa variante está diretamente associada à identidade social de seus falantes e ao sentimento de pertencimento à comunidade.

#### REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. **Noun class and gender systems, classifiers**: a typology of noun categorization devices. Oxford: Oxford Academic, 2000. Disponível em: <<https://academic.oup.com/book/48233/chapter-abstract/421308633?redirectedFrom=fulltext>>. Acesso em: 31 out. 2023.
- BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Edgard Blücher, 2014. p. 79-98.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009 [1999].
- BORBA, R. Falantxs transviadxs: linguística queer performatividades monstruosas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, dossiê Perspectivas queer nos estudos da linguagem, v. 21, n. 2, p. 389-409, dez. 2020.
- BORBA, R. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Entrelinhas**, Unisinos, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.
- BORBA, R.; OSTERMANN, A. C. Do bodies matter? Travestis' embodiment of (trans)gender identity through the manipulation of the Brazilian Portuguese grammatical gender system. **Gender and Language**, v. 1, n. 1, p. 129-145, 20 jan. 2007.

- BUCHOLTZ, Mary. 'Why be normal?': language and identity practices in a community of nerd girls. **Language in Society**, v. 28, n. 2, p. 203-223, 1999.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, Chapman & Hall, 1990.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 38. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003 [1970].
- CARVALHO, Dannel da Silva. **A domesticação da gramática de gênero**. Campinas, SP: Pontes, 2021. p. 174.
- COLLISCHONN, Gisela; SCHWINDT, Luiz Carlos. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa: por que a distinção entre gênero social e gramatical em língua portuguesa é necessária ao idioma. **Jornal Zero Hora**, 12 dez. 2015.
- CORBETT, G. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J.. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press. 2001. p. 119-126.
- ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, Sally. **Language and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, Sally. Think practically and look locally: language and gender as community-based practice. **Annual Review of Anthropology**, v. 21, p. 461-490, 1992.
- HALL, Kira. Go Suck your husband's sugarcane! Hijras and the use of sexual insult. In: LIVIA, Anna; HALL, Kira (Orgs.). **Queerly phrased: language, gender, and sexuality**. New York: Oxford University Press, 1997. p. 430-460.
- HALL, S. Minimal selves. In: HALL, S. **Identity: the real me**. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.
- HALL, S; GIEBEN, B. (Orgs.). **Formations of modernity**. Cambridge: Polity Press, 1992.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change, volume 1: internal factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [*Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008].
- LEVON, E. Categories, stereotypes, and the linguistic perception of sexuality. **Language in Society**, v. 43, n. 5, p. 539-566, nov. 2014.
- MÄDER, G. R. C.; MOURA, H. Reversão de gênero gramatical no português brasileiro. In: FILHO, F. R. B.; OTHERO, G. A. (Orgs.). **Linguagem "neutra": língua e gênero em debate**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2022. p. 37-53.
- MICHAELIS. **Comunicação**. Michaelis On-line, 2019.
- MOITA LOPES, L. P. Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 125-148.
- PANAGIOTIDIS, Phoevos. (Grammatical) gender troubles and the gender of pronouns. In: MATHIEU, Eric; DALI, Myriam; ZAREIKAR, Gita Zareikar (Orgs.). **Gender and Noun Classification**. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 186-199.
- SCHWINDT, L. C. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. **Revista da Abralín**, v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.
- TOBIN, Y. Gender switch in modern Hebrew. In: HELLINGER, M.; BUSSMANN, H. (Orgs.). **Gender across languages**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- WENGER, E. C. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- ZIMMAN, L. **The discursive construction of sex: remaking and reclaiming the gendered body in talk about genitals among trans men**. New York: Oxford University Press, 2014. p. 13-34.